

7. A criação literária e a cadência dos instantes, nas obras *Anhumas do Pantanal* e *Pássaro Vim-Vim*, de Natalino Ferreira Mendes

*Maria Elizabete Nascimento de Oliveira*²³

*Jocineide Catarina Maciel de Souza*²⁴

*Almerinda Auxiliadora de Souza*²⁵

RESUMO: Apresentamos a intrínseca relação entre a poesia e a música, tendo como objeto focal as obras líricas do escritor Natalino Ferreira Mendes. Para tanto, partimos da premissa de que o mundo é regido por uma sinfonia musical, embora muitas vezes esta musicalidade presente no universo não seja percebida por conta das urgências cotidianas. Assim, selecionamos os poemas: *Anhumas do pantanal*; *Cigarra*; *Pássaro vim-vim* e *Música* para legitimar nossas arguições e, também, possibilitar o contato com a produção do autor, vislumbrando apontar pistas para futuras pesquisas. Nesse diálogo, convidamos Octávio Paz (1972; 2012); Gaston Bachelard (2005, 2010), entre outros autores que anunciam a vinculação entre a existência, a natureza e a arte. Deste modo, o espaço natural é imbuído de significado emocional e simbólico, portanto, se constitui como um elemento essencial na construção da experiência poética-vivencial.

Palavras-chave: Música; Poesia; Natalino Ferreira Mendes; Diálogo; Inter-relações.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

LITERARY CREATION AND THE CADENCE OF INSTANTS, IN THE WORKS ANHUMAS DO PANTANAL AND PÁSSARO VIM-VIM, BY NATALINO FERREIRA MENDES

ABSTRACT: We present the intrinsic relationship between poetry and music, with the lyrical works of the writer Natalino Ferreira Mendes as the focal object. To do so, we start from the premise that the world is governed by a musical symphony, although this musicality pre-

23 Doutora em Estudos Literários/PPGEL-Unemat. E-mail: maria.elizabete@unemat.br

24 Doutoranda em Estudos Literários/PPFEL-Unemat E-mail: jocineide.souza@unemat.br

25 Doutoranda do Programa Ensino Aprendizagem em Geografia. E-mail: almerinda.auxiliadora@unemat.br

sent in the universe is often not perceived due to everyday emergencies. Thus, we selected the poems: Anhumas do pantanal; Cicada; Pássaro vim-vim and Música to legitimize our arguments and also enable contact with the author's production, aiming to point out clues for future research. In this dialogue, we invited Octávio Paz (1972; 2012); Gaston Bachelard (2005, 2010), among other authors who announce the link between existence, nature and art. In this way, the natural space is imbued with emotional and symbolic meaning, therefore, it constitutes an essential element in the construction of the poetic-living experience.

Keywords: Music; Poetry; Natalino Ferreira Mendes; Dialogue; Interrelations.

Considerações preliminares

O mundo é regulado por um compasso musical imposto pela cadência dos instantes. Se pudéssemos ouvir todos os instantes da realidade, compreenderíamos que não é a colcheia que é feita com fragmentos da mínima, mas é a mínima que repete a colcheia. É dessa repetição que nasce a impressão de continuidade. (*Gaston Bachelard*)

A epígrafe que impulsiona nossas reflexões afirma que “o mundo é regulado por um compasso musical”, nesse sentido a relação da música com a poesia tem como marco o surgimento do próprio gênero literário, pelo fato de que o texto poético em diferentes gerações e povos da antiguidade exerceu essa conexão quase unívoca.

A relação entre música e poesia vem desde a antiguidade. Na cultura da Grécia Antiga, por exemplo, poesia e música eram praticamente inseparáveis: a poesia era feita para ser cantada. De acordo com a tradição, a música e a poesia nasceram juntas. De fato, a palavra “lírica”, de onde vem a expressão “poema lírico”, significava, originalmente, certo tipo de composição literária feita para ser cantada, fazendo-se acompanhar por instrumento de cordas, de preferência a lira. (Cavalcanti, 2009, p. 30)

A relação entre o gênero poético e a música, para além da lira, está associada à sua forma e composição (Hinos, Odes, Trovas e outros). Em Natalino Ferreira Mendes, a Poesia está associada ao canto dos pássaros e a cultura popular que remete a significados aos sons que emanam das aves. Sobre essa vinculação entre a natureza e a arte Maurice-Jean Lefebvre (1975, p. 9) salienta que:

À tese da arte como imitação da natureza sucedeu, na História, a do mundo da natureza e do mundo da arte considerados como essencialmente distintos. E é um facto que a natureza, ao contrário da arte, não resulta de uma intenção humana, que ela não nos pode parecer «bela», «significativa», «comovente», senão quando «projectamos» nela uma tal intenção, isto é, em suma, quando a consideramos como uma obra de arte.

Ao percebermos a beleza natural do pantanal nos registros poéticos de Natalino Ferreira Mendes, não só consideramos como arte a multiplicidade das imagens que a seleção de vocábulos provoca no leitor, mas também os sons que emanam de suas palavras, aliados às crenças populares da região pantaneira em que os cantos dos pássaros são permeados de mensagens e superstições. Nessa perspectiva, Lefebvre (1975, p. 69) se ancora em Pope para afirmar que “o som deveria ser o próprio sentido”, nas duas obras em apreciação, o poeta por meio da escrita literária nos permite visualizar a mágica da palavra poética por meio dos sons e imagens que vivificam a cultura popular.

O nosso objeto de estudo são as duas obras poéticas de Natalino Ferreira Mendes, **Anhuma do pantanal**: poesia da terra (1993) e **Pássaro Vim-Vim**: poesias da terra (2010), com as quais buscaremos apontar como a música é apresentada pelo autor nas duas obras, com suas diversas evocações. Gaston Bachelard poetiza uma possibilidade de vivência pautada na concepção sensível e subjetiva com o espaço, é nessa percepção que delineamos essa reflexão, ressaltando que são apenas evocações que nos afetam os sentidos ao olhar/sentir o outro e o mundo, tendo como dispositivo sensível, a poesia de Natalino Ferreira Mendes. Neste sentido, destacamos:

Sabe-se da existência de três tipos de música: a primeira, a mundana; a segunda, a humana; e a terceira, a de alguns instrumentos. A **música mundana** se reconhece principalmente nos elementos que se observam no céu ou na terra, na variedade dos princípios e na sucessão das estações [...] Ainda que esse som não chegue aos nossos ouvidos, no entanto o percebemos porque a harmonia do ritmo está no céu. A **música humana** é muito rica no microcosmo, isto é, no pequeno mundo que os filósofos denominam “homem” [...] O que é que funde a incorpórea força vital da razão com o corpo a não ser a harmonia e o tempo, que produz uma espécie de consonância, como a das vozes graves e suaves. Ademais, o

que é que une as partes do homem, a alma e o corpo? O **terceiro tipo de música** é aquele que se produz com instrumentos, com órgãos, cítaras, liras e muitos outros²⁶.

Na produção em foco, essas concepções de músicas movimentam-se, atribuindo ritmos e melodias aos versos que compõem os poemas das obras selecionadas para esta abordagem. A primeira aparece em abundância nos sons dos espaços e da natureza pantaneira, com sua generosidade de fauna e flora que emite sons ao imaginário por meio da poesia-memória; a segunda é perceptível nas inúmeras vozes que contribuíram na formação da cidade e que o poeta transforma em personagens ao trazê-los para o espaço ficcional, a exemplo, citamos o aguateiro (1993, p. 41): “[...] e se fosse o filme sonoro/ ouviríamos por certo, /De espaço em espaço, /O carreiro gritando:/- Aguateiro! Olha o Aguateiro!”. E a terceira quando o autor nos apresenta o Boa, músico, líder do primeiro “conjunto” musical de São Luiz de Cáceres; além de ser um dos acendedores de lampiões e anunciador de todas as festas que havia na cidade (Mendes, 2021, p. 242).

Salientamos ainda, a necessidade de olharmos para a convergência poética a partir das imagens sonoras no canto dos pássaros e insetos (no caso da cigarra), no ritmo sinalizado pelas aliterações e assonâncias dos poemas e na própria reflexão sobre o gênero musical abordada pelo poeta. Ao discorrer um pouco mais sobre esse processo da arte musical que reverbera da palavra poética, nos envergamos a perspectiva da fenomenologia de Maurice Merleau Ponty (1999) que considera o eu, o outro e o mundo em suas inter-relações.

[En]cantos dos pássaros do Pantanal

Uma casa tão dinâmica permite ao poeta habitar o universo. Ou, noutras palavras, o universo vem habitar a sua casa. [...] a casa bem enraizada gosta de ter uma ramificação sensível ao vento, um sótão que tem barulho de folhagem. (*Gaston Bachelard*)

26 Disponível em: Ética e Estética da Música – Na filosofia de Ramon Llull (1232-1316) | Idade Média – Prof. Dr. Ricardo da Costa (ricardocosta.com). Acesso em: 4 abr. 2024.

Iniciamos com a epígrafe acima, retirada do livro “A Poética do Espaço”, porque acreditamos que esta sugere uma profunda relação entre o espaço da casa e a experiência poética do ser humano. Ao descrever uma casa dinâmica, Bachelard se refere a uma casa que não é apenas um espaço físico estático, mas sim um ambiente que está em constante interação com o mundo ao seu redor e com as experiências do indivíduo que a habita. Acreditamos que esta perspectiva abraça a poética de Natalino Ferreira Mendes, o filósofo diz que a casa permite ao poeta habitar o universo, destaca assim como o espaço da casa pode se tornar um microcosmo que reflete e integra a vastidão do mundo exterior. A casa se torna um ponto de partida para a exploração do universo, uma fonte de inspiração e contemplação para o poeta.

Por outro lado, quando Bachelard (2005) afirma que o universo vem habitar a casa do poeta, ele sugere que este é capaz de transformar sua casa em um espaço poético que transcende as limitações físicas e se abre para a vastidão do cosmos. A casa se torna um receptáculo para as experiências do mundo exterior, uma extensão do universo que se manifesta no ambiente doméstico. A imagem do sótão com barulho de folhagem e a ramificação sensível ao vento evocam uma sensação de conexão com a natureza e de movimento dentro da casa. Esses elementos sugerem que a casa não é apenas um espaço fechado, mas sim um lugar onde a vida e a energia fluem livremente, onde o poeta pode se sentir em sintonia com o mundo ao seu redor, essa passagem de Bachelard (2005) ressalta a importância da casa como um espaço poético que permite ao indivíduo habitar o universo e, ao mesmo tempo, receber a influência e a energia do mundo exterior. É uma reflexão sobre a relação entre o espaço físico e a experiência subjetiva, entre a morada humana e o vasto cosmos que a cerca. Neste viés, sugerimos pensar a casa como metáfora do espaço vivido/sonhado pelo eu-poemático, o pantanal de Mato Grosso, com sua poética/musical. No entanto, como imagem sugestiva porque aberta ao cosmo.

Os títulos dos livros selecionados para esta abordagem já trazem implícitas percepções de como o canto, de certo modo, ressoa na obra de Natalino Ferreira Mendes, ofertando musicalidade à poesia da terra, da casa do eu-poemático. Outra demarcação passível de contemplação que se repete nas duas obras é o afeto pela terra natal. Neste sentido, os pássaros do pantanal são os protagonistas que adornam as capas dessas obras, como se desde a porta principal pudéssemos ouvir seus cantos como anfitrião de um percur-

so não apenas poético, mas também musical. Primeiramente, apresentamos a **Anhuma do Pantanal**: poesia da terra, obra datada de 1993, que traz um poema de mesmo nome, que apresenta o pássaro e sua relação com a infância, bem como, com sua integração à natureza pantaneira.

O poema “Anhuma do Pantanal” evoca a experiência sensorial e emocional diante da presença e do canto da ave anhuma, situada em seu habitat natural no Pantanal. Não podemos deixar passar despercebido que a anhuma do pantanal, segundo o eu-poemático é alvissareira, alerta seus companheiros dos perigos do predador.

ANHUMA DO PANTANAL²⁷

Um grito ecoa
estridente,
na calada da campina alagadiça.
— “Atenção! bicharada,
estranho penetrando em nosso espaço!”
É o grito da Anhuma
empoleirada em alto galho
num capão de mato em meio ao campo aberto.

Novo grito, sinal de que o desconhecido
mais penetra em seus domínios.
E quando mais perto chega o intruso,
alça o voo o alado guarda
em busca de outra árvore
mais longe,
gritando sempre,
como se dissesse:
“quem puder se salve!”

A essa hora a caça esquiva
já procurou outras paragens

27 Mendes, 1993, p. 28-29.

mais seguras,
escapando ao caçador.

Para mim, ave do pantanal
da minha terra,
teu grito tem sentido diferente.

É um encantamento
que me conduz ao longo do passado,
despertando, lá da infância,
a primeira Anhuma
que escutei
à beira da baía do Malheiros
nas vizinhanças da cidade.

Não morreu aquela ave
passados tantos anos!
Adormeceu, apenas...
E quando, hoje, uma irmã sua
canta,
lá desperta ela
com toda carga de recordações
que, na solidão da beira da baía,
mais se animam
e se aproximam...
como se tudo fosse um ontem.

Canta, Anhuma pantaneira,
tal e qual a vez primeira,
infante, te vi cantar.

Canta, canta, ave amiga!
Enche o ar de emoção
para que, no coração,
nunca morra
a Anhuma da minha infância.

Ao considerar as percepções de Gaston Bachelard sobre a arte musical, podemos ponderar alguns elementos presentes no texto que remetem à sua teoria, especialmente sobre a poética do espaço e a reverberação emocional da música. O poema utiliza uma linguagem que sugere ritmo e sonoridade, especialmente nas descrições do grito da Anhumá. A repetição de palavras como “grito” e “canta”, juntamente com a aliteração e a assonância, cria a musicalidade da linguagem e apresenta uma atmosfera musical que ressoa com a natureza sonora da experiência.

O autor argumenta que a música tem o poder de evocar memórias e sentimentos profundos e pode acionar uma ressonância emocional. O eu-poemático é transportado de volta à infância pela melodia do canto da Anhumá. A imagem da primeira vez em que o eu-poemático ouviu o canto da ave, à beira da baía do Malheiros, é revivida com intensidade, sugerindo que a música da natureza tem o poder de despertar memórias adormecidas e recriar experiências passadas.

O filósofo discute ainda como os espaços físicos e imaginários influenciam a criação artística, destacando o espaço como elemento poético. No poema, o Pantanal e seus elementos naturais, como a Anhumá e a baía do Malheiros, não são apenas cenários, mas são também fontes de inspiração e reverberação emocional para o eu-poemático. O espaço natural é imbuído de significado emocional e simbólico, tornando-se um elemento essencial na construção da experiência poética.

A música, ainda segundo Gaston Bachelard, transcende a linearidade do tempo, conectando o passado, o presente e o futuro. No poema, a Anhumá é descrita como uma presença que evoca memórias da infância; mas também como uma entidade atemporal, cujo canto ressoa “como se tudo fosse um ontem”. O canto da ave é capaz de criar uma ponte entre o passado e o presente, perpetuando a emoção e a memória ao longo do tempo.

Nos dois primeiros versos do poema o escritor anuncia o canto da anhumá num grito estridente e já aponta o *habitat* natural da ave, as campinas alagadas, para demarcar a intensidade e a urgência da atenção dos demais moradores daquele espaço, ele apresenta a tradução do canto: “/-” Atenção! bicharada, /estranho penetrando em nosso espaço!”. Na região pantaneira de Mato Grosso, o canto da anhumá é um canto de alerta, o cumprimento dessa ave guardiã é concluída pelo poeta nos quatro versos que compõem a terceira estrofe.

Encerrada as apresentações sobre ave no seu sentido natural, o eu poético aponta o tom do cântico da ave, como sendo um som de encantamento e nostalgia, / Para mim, ave do pantanal / da minha terra, / teu grito tem sentido diferente. / É um encantamento / que me conduz ao longo do passado, / despertando, lá da infância, / a primeira Anhuma / que escutei /. Nota-se que nesses versos o poeta estabelece uma conexão da natureza com o seu próprio mundo, em sua tenra idade. As duas estrofes que encerram o poema, é demarcado pela aliteração em ‘a’ e gera um quadro de várias imagens que emanadas pelo som do canto das anhumas garantem a emoção infantil do olhar primeiro.

Ao nos depararmos com a súplica pelo canto das anhumas nas últimas estrofes, ocorre o que Octavio Paz (2012, p. 133) descreve como divino no que tange as circunstâncias de espaço e tempo:

[...] Uma espécie de ritmo tece o tempo e espaço, sentimentos e pensamentos, palavras e atos, e faz um único tecido com o ontem e o amanhã, o aqui e o lá, náusea e delícia. Tudo é hoje. Tudo está presente. Tudo está, tudo é aqui. Mas tudo também está em outro lugar e em outro tempo.

Implicitamente o autor enfatiza a perenidade das coisas da natureza e, de certa forma, a conexão existente pela ancestralidade: “Canta, canta, ave amiga/Enche o ar de emoção/para que, no coração, /nunca morra/ a anhuma da minha infância”. Nas duas obras em análise, Natalino Ferreira Mendes tem a natureza como campo de observação e criação poética.

O poema “Anhuma do Pantanal” reflete muitas das percepções bachelardianas sobre a relação entre arte, espaço e emoção, especialmente no que diz respeito à música como uma experiência que transcende os limites da realidade física e temporal. Possibilidades também perceptíveis no poema **Cigarra**, vejamos:

CIGARRA²⁸

Sol a pino causticante e amarelo,
sol de outubro.
Choveu e faz calor.
Emanações sobem da terra quente e úmida.
Nas árvores, as folhas se renovam
– sinal de vitalidade.
Nos cajueiros, frutos
sazonados,
vermelhos e amarelos...
Minha terra estua em vida!

De repente, corta os ares
zunido curto e forte.
É o ensaio da cigarra.
Experimenta o tom
uma, duas e três vezes,
para então um longo silvo
desferir pelo arvoredos...
Canta forte, dá o que pode,
naquele silvo comprido
como se nele quisesse
a vida toda escoar...

Enquanto cantas, cigarra,
na mangueira do quintal,
tu inocente não sabes
que no instante em que tu cantas,
do passado, que vivi,
bem juntinho do arvoredos,
acordas tantas cigarras
– irmãs tuas –
que dentro em mim

28 Mendes, 1993, p. 30-31.

no curto tempo do teu canto,
Põem-se todas a cantar,
refazendo a sinfonia
dos meus anos primeiros
– já vividos –
desta vida e neste mundo,
na feliz intimidade
da pujante natureza.

Canta, cigarra, canta...
Alvoroça a minha vida
para que ela seja sons
e vibrações
contemplação
dessa eterna maravilha,
que nos envolve e comove,
das obras da criação!

Neste poema temos uma figura clássica das fábulas, de acordo com Nelly Novaes (1991, p. 107) ora “a cigarra era valorizada, seu canto representava o valor e a beleza da arte, a função não-utilitária da arte”, como na tradução de La Fontaine, em outras traduções “[...] Já na maioria das versões que chegaram até nós, a cigarra é tida como preguiçosa, irresponsável, vagabunda”. Todavia no poema de Natalino Ferreira Mendes, a cigarra com seu canto tem a função de acordar o passado do eu poemático e lhe enche de nostalgia de uma infância que só é possível visitar pelo canto da cigarra.

Na primeira estrofe, a terra cacerense é apresentada com sua característica climática, por meio das imagens criadas temos uma possibilidade de vislumbrar um dia típico do mês de outubro, as cores amarelas, ressaltado no calor, na luz do sol e na cor do caju, também nos leva ao amarelar do tempo passado, acrescida do vermelho que cobre a pele suculenta do caju, remetem ao calor e a vivacidade dessa memória. As cores e o paralelo da chuva com o sol confirmadas no verso / emanações sobem da terra quente e úmida. / reafirmam o calor dessa terra, podem ser considerados resquícios da própria dualidade entre passado/presente, que a arte proporciona.

A musicalidade advinda do espaço pantaneiro entoa vários poemas da obra, podemos citar ainda: “[...] Canta, cigarra, canta.../Alvoroça a minha vida/para que ela seja sons/e vibrações/contemplação/dessa eterna maravilha, /que nos envolve e comove, /das obras da criação” (Mendes, 1993, p. 31). Nessa passagem, notamos o apelo do eu-poemático à cigarra, para que preencha sua vida de sons e vibrações de modo a lhe permitir a ser sensível às coisas que compõem o cosmo. O uso do verbo no presente do indicativo nos remete a duas situações marcadas por sua repetição no clamor do verso, o que indica uma ação habitual da cigarra, a certeza de que essa ação se repetirá no futuro, como também nos evidencia o fato histórico, que demarca uma fase da sua vida.

Nessa passagem, como em tantas outras dessa mesma obra, o eu-poemático ressalta que esses sons e ritmos da natureza o fazem reviver, trazer para o presente o passado, por meio do acionar de memórias e, portanto, tais elementos estão incorporados ao seu próprio corpo porque o permite revisitar a história do passado. Ainda neste poema “Cigarra”, percebemos a experiência sensorial e emocional do eu-poemático diante da presença e do canto da cigarra em um dia quente de outubro. Em suas considerações Gaston Bachelard assegura que “A Intuição dos Instantes”, podemos analisar este poema sob a perspectiva da intuição poética e da ressonância dos instantes na memória e na imaginação. Bachelard discute a importância da intuição poética, que capta o instante de uma experiência e aprofunda sua compreensão por meio da imaginação.

O eu-poemático se encontra imerso no momento presente, capturando os detalhes sensoriais do ambiente, como o sol causticante, as árvores renovadas e os frutos maduros. O canto repentino e enérgico da cigarra serve como um catalisador para a experiência intensificada desse instante de vida vibrante e pulsante. O filósofo sugere também que os instantes poéticos têm o poder de evocar memórias e experiências passadas, conectando o presente com o passado. O canto da cigarra desperta lembranças da infância do eu-poemático, quando as cigarras cantavam em harmonia com a natureza ao seu redor. Esse revigorar das memórias antigas por meio do canto da cigarra demonstra como os instantes poéticos podem ser portais para vivências passadas, enriquecendo a experiência presente.

Gaston Bachelard argumenta que a intuição poética revela a profunda interconexão entre o eu e o mundo ao seu redor. No poema, o eu lírico se

funde com a paisagem natural e com os elementos que a compõem, como as árvores e a cigarra. O canto da cigarra não é apenas um evento isolado, mas uma expressão da vitalidade e da harmonia da natureza, que ressoa com a própria vida interior. O autor enfatiza a importância da contemplação dos instantes poéticos como uma forma de conexão com a maravilha e a beleza do mundo. No poema, o eu-poemático é convidado a contemplar o canto da cigarra como uma expressão da eterna maravilha da criação. O canto da cigarra, com sua intensidade e persistência, desperta uma apreciação renovada pela vida e pela complexidade da natureza. O poema “Cigarra” encapsula muitos dos conceitos e ideias presentes em “A Intuição dos Instantes” de Gaston Bachelard, destacando a capacidade da poesia de capturar e ampliar os momentos de experiência vivos e significativos, conectando o presente com o passado e revelando a profunda interconexão entre o eu e o mundo natural.

Os poemas supramencionados compõem o conjunto de textos poéticos do livro **Anhumas Do Pantanal: Poesias da Terra**. Os próximos poemas são do livro **Pássaro Vim-Vim: Poesias da Terra**.

PÁSSARO VIM-VIM²⁹

Ele chega de improviso
Assobiando soffrego
— “vim... vim...”
Repetidamente.

Minha mãe dizia emocionada,
Mudando levemente o trino:
— “vem... vem...” está cantando,
Alguém vai chegar...

Quem será?
Um filho ausente?
amigo
ou parente?

29 Mendes, 2010, p. 8.

A avezita não diz quem
ou o que está para chegar.
Pode ser também
apenas uma carta,
que o correio vai trazer.

O tempo passou,
mundo mudou,
eu mudei

Mas o pio do “vim... vim...”
não variou.
É sempre o mesmo.
não importa que a modernidade
lhe tirou o encanto
das mensagens cifradas
que trazia aos lares crentes
de antigamente.
Insiste... anunciando
– no seu pio –
que algo novo virá
nas asas da esperança.

A característica alvissareira da Anhuma do Pantanal se repete na obra **Pássaro Vim-vim**: poesias da terra, haja vista que este também alerta para a chegada de algo: “Minha mãe dizia emocionada, / Mudando levemente o trino. / – vem... vem está cantando, / Alguém vai chegar”. Além disso, enfatiza novamente a perenidade das coisas da natureza: “Mas, o pio do Vim... vim... / não variou / É sempre o mesmo” (Mendes, 2010, p. 8). A música assim compõe como estribilho a sua obra poética: “[...] – Lyra Cacerense – / organizada e mantida / por idealistas / amantes da beleza / da arte musical” (Mendes, 2010, p. 35) ou em: “[...] e a alma sensível / desabrochando / nas mais belas expressões do ser humano / – a música e a poesia” (Mendes, 2010, p. 49). Ou ainda: “[...] Onde canta a alma do povo / nos alegres concertos / das noites serenas / donde o nome lhe veio / a cidade das serestas” (Mendes, 2010, p. 49).

O poema “Pássaro Vim-vim” simboliza a experiência cotidiana de ouvir o canto de um pássaro, especificamente identificado como “vim-vim”, e reflete sobre o significado simbólico desse evento. Neste sentido Octávio Paz (2010) discute a ideia de que os signos são fluidos e estão em constante movimento, mudando e se transformando ao longo do tempo. No poema, o canto do pássaro “vim-vim” é apresentado como um signo que persiste, apesar das mudanças no mundo e na vida do eu-poemático. Mesmo que a modernidade tenha tirado o encanto das mensagens cifradas que o pássaro costumava trazer, seu canto ainda persiste como um símbolo de esperança e de algo novo que está por vir.

Octávio Paz (2012) também discute a relação entre a poesia e a música, destacando como a poesia compartilha características com a música, como ritmo, harmonia e melodia. No poema, o canto do pássaro é descrito como um assovio repetitivo e melódico, que evoca uma atmosfera musical. Essa musicalidade do canto do pássaro ressoa com a ideia de que a poesia pode ser encontrada não apenas nas palavras escritas, mas também nos sons da natureza e nas experiências cotidianas.

Tanto em “Signos em Rotação” quanto em “O Arco e a Lira”, Paz aborda o simbolismo do pássaro em diferentes culturas e tradições poéticas. No poema, o pássaro “vim-vim” assume um significado simbólico de esperança e de novos começos. Seu canto repetitivo e persistente é interpretado como um anúncio de algo novo que está por vir, seja um filho ausente, um amigo, um parente ou, até mesmo, uma carta importante. Assim, o pássaro se torna um símbolo de expectativa e de possibilidade para um devir.

O “Pássaro Vim-vim” encapsula muitos dos temas e conceitos abordados por Octavio Paz em suas obras, destacando a persistência dos signos poéticos na vida cotidiana e o poder simbólico da natureza, especialmente dos pássaros, como portadores de significado e de esperança.

Natalino Ferreira Mendes em – **Poesia não morre** – discorre a relação intrínseca da poesia com a música, lembrando que as primeiras manifestações literárias em Portugal já anunciavam essa conexão. Vale destacar que essa aliança é descrita em várias passagens de sua obra. Assim, destaca que:

[...] as primeiras manifestações literárias em Portugal foram poesia, cultivada pelos trovadores. Os poetas cantavam os versos acompanhando-os

aos instrumentos de música. A arte trovadoresca originou-se no sul da França, onde era denominada ‘gaia ciência’. (Castrillon Mendes, 2021, p. 148)

Nessa toada, o autor enlaça diversos ritmos e sons que fazem a harmonia do mundo vivido, apresentando não apenas o ritmo das músicas regionais como cururu e siriri, como também, os sons que fazem parte do ruído natural do mundo, com seus ritmos diversificados e capazes de prender a atenção dos seres humanos sensíveis às coisas do mundo. Porém, não deixa de trazer a concepção tradicional que temos da música, como na poesia seguinte:

MÚSICA³⁰

Abençoado lenitivo desta vida,
que, mesmo curta, nos encanta,
a música tem o condão
de acender na gente
indefiníveis emoções.
Músicas há inumeráveis
que nos extasiam
e nos elevam o espírito.
Há as preferidas nossas,
aquelas que exprimem o estado d’alma do autor
e se afinam com a nossa sensibilidade,
convidando-nos a viajar no tempo,
revivendo fatos
da nossa própria história,
que bem ou mal elaboramos.

Dizemos, então, que tal música
é a nossa predileta,
porque serviu de sonoro fundo

30 Mendes, 2010, p. 68.

num tempo e num lugar,
para uma das cenas da nossa vida.
Sempre que essa música ouvimos,
o quadro antigo à nossa mente volta,
revestido de saudade.

Tu, Música, no teu ritmo e harmonia,
– eloquente ou lírica –
Só podes ser divina,
ao lado da irmã-gêmea – a Poesia.

O poema “Música” traz a possibilidade de percebermos o poder transformador da música na vida humana, evoca emoções profundas e nos permite reviver memórias pessoais. Paz enxerga a música como uma linguagem universal que transcende as barreiras culturais e temporais, capaz de evocar emoções universais e conectar as pessoas. No poema, a música é apresentada como um “abençoado lenitivo desta vida”, uma força que encanta e desperta emoções indefiníveis. Ela é descrita como detentora do poder de nos extasiar e elevar o espírito, sugerindo, dessa forma, uma experiência transcendental que vai além do intelecto e da razão.

O filósofo Gaston Bachelard salienta que a experiência poética está intrinsecamente ligada aos espaços físicos e imaginários, que podem evocar memórias e sentimentos profundos. No poema, a música serve como um elo entre o passado e o presente, conectando o eu lírico às cenas da sua própria vida. Cada música preferida é associada ao tempo e a um lugar específico, funcionando como um “sonoro fundo” para as cenas da vida. Assim, a música não apenas evoca emoções, mas também revigora e recria espaços interiores e exteriores na existência humana.

O poema destaca a estreita relação entre música e poesia, sugerindo que ambas são formas de expressão divinas. A música é descrita como a irmã-gêmea da poesia, compartilhando sua capacidade de tocar as profundezas da alma humana e comunicar sentimentos além das palavras. Essa associação ressalta a importância das artes na exploração da experiência humana e na busca pela transcendência. Assim, o poema “Música” oferece uma reflexão profunda sobre o papel da música na vida humana, conectando as percepções de Octavio Paz sobre a universalidade da música e sua capacidade de

evocar emoções, com a poética do espaço de Gaston Bachelard, que destaca a relação entre música, memória e imaginação na experiência poética.

A sensibilidade do poeta nos apresenta como diferentes manifestações são elementos que acionam nossa memória. Nos poemas “Anhuma do Pantanal”, “Cigarra” e “Pássaro Vim-Vim” são os sons da natureza, no cantar das aves, que se tornaram marcos de sua infância, desta forma eu-poemático nos brinda com sua percepção aguda e poética sobre a música e instiga para que possamos perceber como ela está envolta na tecelagem da nossa passagem humana na terra.

É interessante observar que a concepção da vida ligada ao teatro costura a produção do autor de forma discreta e delicada, tal qual como nos quatro últimos versos do poema. Ademais, não nos passa despercebida a relação que faz entre o eu-poemático e o leitor, de modo que o autor parece se ausentar da autoria do texto: “Há as preferidas nossas, / aquelas que exprimem o estado d’alma do autor / e se afinam com a nossa sensibilidade”.

Enfatizando a relação da música com a poesia, no livro: *Anhumas do pantanal: poesias da terra* (1993, p. 47), o autor também traz esta conexão no poema arte, destacando que: “A música... a poesia... a própria voz humana / Artisticamente modulada, / São êxtases à nossa alma atribulada, / Oásis no deserto da existência!”. Nesta conjectura, o autor discorre sobre a musicalidade da própria voz humana, deixa entrever a sua sensibilidade para as coisas que, muitas vezes, passam despercebidas, evoca nessa criação a relação unívoca do ser humano com o mundo.

ARTE³¹

(A Comissão Organizadora da Festa de Arte – fevereiro de 1947)

A flor da arte há muito tempo adormecida
Em nossa terra,
– Flor custosa e fina – dileto adorno
Das cidades cultas,
Bafejada pelo ardor de um ideal acalentado

31 Mendes, 1993, p. 47.

E nobre,
Desperta-se de longa letargia...

Ei-la que ressurge bela, esperançosa,
Espargindo seu divino aroma em nosso peito!
Ei-la gentil, fascinadora,
Convidando-nos a cultivá-la com carinho
No jardim da nossa vida!

A música... a poesia... a própria voz humana
Artisticamente modulada,
São êxtases à nossa alma atribulada,
Oásis no deserto da existência!

ARTE... gotas do sobrenatural vazadas
No coração do homem...
Rosa cujas raízes têm no infinito
A sua fonte de energia...
Mística pérola de luz oculta
No coração do homem...
Incentivo bendito ao espiritualismo.
Certidão da existência da luz de Deus
Junto ao nosso corpo material...
Atração do pensamento humano
Para a região sem mancha da beleza.

Este último poema, que encerra por ora esse percurso, é uma síntese que nos aproxima da percepção de Natalino Ferreira Mendes sobre a relação da arte com a vida na perpetuação da memória. O poema expressa a exaltação da arte como uma força revitalizadora que desperta e enriquece a alma humana. Ao considerar a relação unívoca entre poesia e música, podemos destacar como ambos os elementos se entrelaçam na busca pela expressão artística, enlaçando-se as percepções de Gaston Bachelard e Octavio Paz.

Ainda nesta produção, o autor destaca a disfunção da arte em tirar o ser humano da letargia, despertando-o para a beleza que envolve o cosmo: “[...] – Flor custosa e fina – dileto adorno/ das cidades cultas, / bafejada pelo ar-

dor de um ideal acalentado / E nobre, / Desperta-se de longa letargia”. Apresenta ainda o poema a relação do imaterial e o material que de certa forma faz o adubo humano: “ARTE... gotas do sobrenatural vazadas/ no coração do homem.../ [...] junta-se ao mesmo corpo material... / Atração do pensamento humano/ para a região sem mancha da beleza”. Chama-nos ainda a atenção que vários poemas do autor vêm demarcados pelo momento de produção, a exemplo o poema ARTE, é dedicado à Comissão Organizadora da Festa de Arte, datado de fevereiro de 1947.

Ressaltamos que Gaston Bachelard destaca a importância do espaço físico e imaginário na criação artística. No poema, a arte é descrita como uma flor que ressurge, espargindo seu aroma divino no peito dos indivíduos. Essa imagem sugere a ideia de um espaço interior, um jardim da vida, onde a arte floresce e é cultivada com afeto. Assim como a música e a poesia, a arte proporciona um oásis no deserto da existência, um espaço de beleza e encantamento que alimenta a alma.

Para Octavio Paz, a música e a poesia são formas de expressão que transcendem as limitações da linguagem verbal, alcançam as profundezas da experiência humana. No poema, a música, a poesia e a voz humana artisticamente modulada são descritas como êxtases à alma, oásis no deserto da existência. Essas manifestações de arte não apenas proporcionam prazer estético, mas também servem como dispositivos para a expressão de emoções e ideias que ultrapassam os códigos linguísticos.

Ao considerar o exposto, a “Arte” demonstra a relação unívoca entre poesia e música ao apresentá-las como meios de acesso à beleza e à espiritualidade, como manifestações da busca humana pela expressão artística e pela transcendência. Ambas as revelações de arte, poesia e música, são vistas como fontes de inspiração e renovação, capazes de elevar o espírito e conectar os seres humanos ao sublime e ao divino.

Considerações finais

O propósito desse artigo foi apresentar como a música/canto são elementos que acionam nossas memórias, num panorama poético em que autor e leitor se fundem entrelaçados pela arte sonora que nos remetem aos diferentes tempos e espaço, sendo este derradeiro tema muito observado pelo escritor, principalmente no que tange, ao espaço histórico do município de

Cáceres, ressaltando a arte arquitetônica, como em outros poemas há destaque para arte corporal através da apresentação das danças, para o teatro e cinema.

Os cinco poemas apresentados evidenciam a relação intrínseca entre a música e a memória, ao mesmo tempo em que nos remete a cultura dos saberes populares na decifração dos cantos das aves, como também o poder criador do ser humano no uso dos instrumentos e da voz. Para além desses poemas, há outros, como: a “Valsa Vienense” e a “Banda do Dezenove”, nos quais o eu-poemático revela sua admiração pela arte musical que, segundo ele, está diretamente ligada às suas referências afetivas maternas, muito presentes também no poema “Violão”.

Por ora, destacamos que são infindáveis as possibilidades de olhares sobre a sensibilidade de perceber as diversas manifestações da arte nas escritas de Natalino Ferreira Mendes, em especial a música, para além de sua apreciação a essa manifestação artística, o escritor escreveu vários hinos e canções, inclusive o hino oficial da cidade de Cáceres no estado de Mato Grosso, alguns desses sistematizados no livro: “Anhumas do Pantanal: poesias da terra”, na seção intitulada: “Hinos e Canções”. Essas indicações podem, quem sabe, servir como disparadoras para novos estudos e pesquisas.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A Intuição do instante*. Tradução Antonio de Padua Danesi. - 2º ed.- Campinas, SP: Verus Editora, 2010.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. *Música e Poesia em Manuel Bandeira*. Estação Literária - Vagão-volume 3. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art3.pdf>

CASTRILLON-MENDES. Olga Maria; MENDES, Natalino Ferreira (orgs.). *Letras Cacerenses*. Cuiabá: Carlini e Caniato editorial, 2021.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e Sentido do Texto Literário*. São Paulo: Ática, 2007.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Tradução: José Carlos Seabra Pereira. Livraria Almeida. Coimbra-Portugal, 1975.

MENDES, Natalino Ferreira. *Anhumas do Pantanal: poesia da terra*. Passo fundo: RS, 1993.

_____. *Pássaro vim-vim: poesias da terra*. Cáceres-MT: Editora da , 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Martins Fontes, São Paulo, 1999.

PAZ, Octavio. *Signo em Rotação*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1972.

_____. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.